

DE COMO AMAR AS FLORES DO CERRADO

Cristina Ávila¹

Mônica Sartori²

Sem cuidados especiais, as flores do Cerrado surgem como por milagre, resistem à seca, às tempestades, ao solo em erosão, asfaltos e depredações de toda espécie. Expõem suas belas formas graciosamente. Caem em cascatas, se agarram a palmeiras, são pingos de luz no mato seco, trepadeiras e canteiros descuidados que avançam sobre pedras, montes e cantos obscuros. Estão aqui e acolá. Quem as plantou? Quem cuida delas? Mantêm-se sempre-vivas, debocham das tempestades, abrem-se lindas bromélias, têm corolas, caules e sementes. Mesmo na falta da terra, rochas se expandem carregadas de plantas presas a elas: bambus, orquídeas e araucárias selvagens.



Dentre a biodiversidade brasileira, o Cerrado é reconhecido como a savana mais rica do mundo, ocupando cerca de 20% do território nacional. Abriga mais de 11.000 espécies de plantas. Vivem nessas matas mamíferos, répteis, peixes e anfíbios. O Cerrado é simplesmente o refúgio de borboletas e abelhas.

Do cenário natural captamos o efeito da luz nas beiras das montanhas, matagais e pequenas florestas. Pontinhos de cor avançam ora com certa violência, ora timidamente. Rosas, lilases, azuis, amarelos, laranjas, castanhos e brancos pontuam verdes nunca lineares, ressecados ou vívidos, são o descanso das flores do Cerrado, que levantam e desmaiam a seu bel-prazer.

Muitas foram batizadas com pomposos nomes científicos de seus meticulosos inventariantes. São as chamadas lavoiseiras – provavelmente em homenagem ao químico Lavoisier, aquele para quem nada se perde, tudo se transforma. E vão seguindo um destino incerto. Intrometem-se na natureza desabrochando a ermo, enquanto serrotes, máquinas e represas artificiais as destroem em favor do que teimosamente chamamos de progresso humano.

Pioneira, a pintora naturalista Marianne North (1830-1890) foi a primeira mulher a se aventurar pelos nossos Sabarás, Ouro Pretos, Caetés, chegando a conhecer o velho Lund, desbravador de grutas em Lagoa Santa. Esteve no Cerrado mineiro de 1872 a 1873, deixando vasta obra de pintura contendo nossa fauna e flora.

Profetizou o que infelizmente vem acontecendo, o descaso e a destruição dessa flora brava e resistente em sua aparente candura. Dentro do cânone engendrado pelo naturalista prussiano Alexander von Humboldt (1769-1889), Marianne imprime modernidade em suas aquarelas brasileiras, mas o faz com a preciosidade de quem alia arte e ciência.

O crítico de arte e poeta Baudelaire (1821-1867), autor dos poemas malditos *As flores do mal*, já suspeitava que o moderno deveria se inserir à ciência, mas não poderia adivinhar que, apesar de uma faceta classificatória onírica, as flores têm linhas e cores abertas à concepção livre de artistas que, além de divulgarem a impermanência desse patrimônio geoambiental, seriam capazes de as liberarem como asas de anjo ao alcance de um céu mais amplo que o simbolismo em toda a sua modernidade. A contemporaneidade se deu conta que uma realidade pode se transformar a partir de uma ação-atitude ampliadora do original.

Vendo a leveza que se traduz em resistência e fortaleza, as flores de Mônica Sartori atingem a conexão midiática e estética do habitat do Cerrado mineiro com a tradição japonesa Yamato-e (), uma das mais antigas e refinadas expressões das artes visuais.

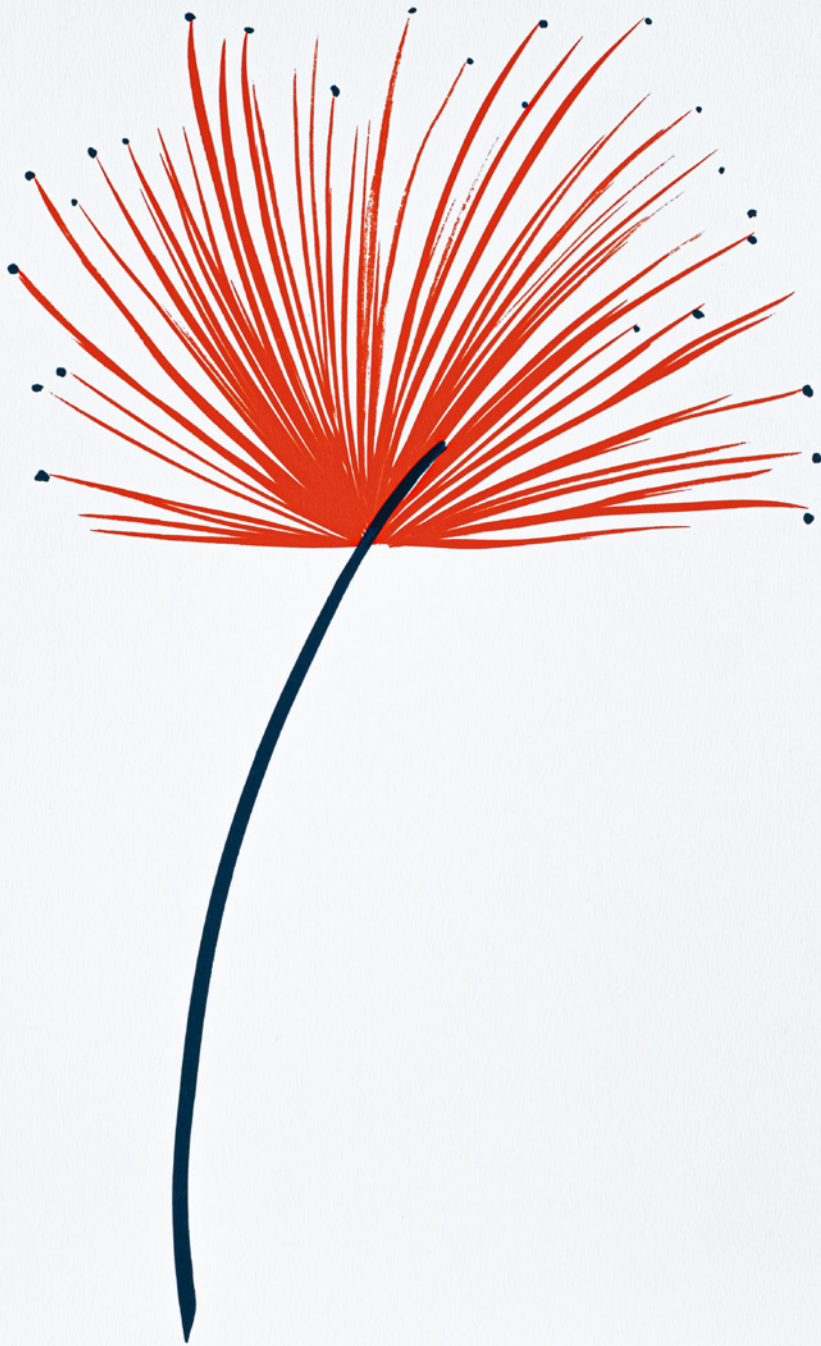
Se o Universo integra o tudo natural, há que se saber da importância real das florinhas, que sem nenhuma vergonha se esparramam pelo chão. Miúdas ou encorpadas – seres viventes de luz e água –, encontram hoje refúgio entre cipós e araucárias. De algumas podemos falar com certo empirismo, como da calandra, a chamada flor símbolo do Cerrado, das amarelas fedegosas ou cássias, que se expõem em pétalas irregulares, desconcertantes para o senso comum que exige simetria e regularidade.

Mas o que podemos fazer senão contemplar as begônias, as bromélias, as arnicas curativas, as insolentes trepadeiras e as minimalistas flores que compõem verdadeiras rosáceas? E sobram ainda aquelas batizadas ao deus-dará, ao acaso e sabor incontestes, como as flores de

pimenta-de-negro, inexplicavelmente brancas. Para as mimosas, os brincos de princesa, os raminhos de arruda, as sebastianas, as ingratas, os veludinhos aromáticos, as damas-da-noite, os chuveirinhos, as ciganinhas e cactos coloridos, resta a reverência de nossa memória afetiva – contas contadas das lágrimas de Nossa Senhora que compõem uma lúdica ciranda de artefatos divinizados.

Dessas flores uma artista do Cerrado captou a essência, pois não estaria na essência o real? Mãe herbórea as reproduziu para a contemporaneidade, enquanto nós, receptores da *poiesis*, viajamos numa fruição única – Mônica.





5/70
2017

Mônica Sartori 2017









10/70
MS

Mônica Sartori 2017

ON HOW TO LOVE THE CERRADO FLOWERS

As if by miracle, they resist drought, storms, eroded soil, asphalt and all kinds of depredation, the unattended *Cerrado* flowers graciously blossom showing off their shapes. They fall like cascades, grabbing onto palm trees like droplets of light in the dry brush, in creeping vines and neglected flowerbeds while moving over stones, mounds and dark corners. They are here and there. Who planted them? Who tends to them? They stay alive, mocking storms by opening beautiful bromeliads, with corollas, stalks and seeds. Even in the absence of land, the rocks expand with plants stuck on them: bamboos, orchids and wild araucaria.

Within the Brazilian biodiversity, the *Cerrado* is known as the world's richest savannah, covering roughly 20% of the national territory. It hosts more than 11,000 species of plants and mammals, reptiles, fish and amphibians live in these woods. The *cerrado* is the refuge for butterflies and bees.

In this natural scenery, we capture the light effect on the mountains' edges, bushes and small forests. Colored dots move forward, dramatically sometimes, timidly at others. Pinks, lilacs, blues, yellows, oranges, browns and whites stand out amidst the dried out or vivid nonlinear greens, a resting place for the *Cerrado* flowers that either wake up or faint at will.

Many were termed with pompous scientific names by their meticulous researchers. *Lavoiseras* were probably named after the chemist Lavoisier, who said that nothing is lost, everything is transformed. The flowers wander an uncertain fate, meddling in nature, blossoming anywhere, while saws, machines and artificial dams destroy them in favor of what we stubbornly call human progress.

Marianne North (1830-1890), a pioneer naturalist painter, was the first woman to venture into our Sabarás, Ouro Pretos, and Caetés. She even encountered old Lund, the *Lagoa Santa* grotto pathfinder. She travelled the Minas *Cerrado* between 1872 and 1873, leaving a vast pictorial work depicting our fauna and flora.

Unfortunately, what she foresaw then is continuously happening: the neglect and destruction of the wild and apparently candid, yet resistant flora. Within the begotten canons by Prussian naturalist Alexander von Humbolt (1769-1889), Marianne imprinted modernity in her Brazilian watercolors, preciously allying art and science.

Baudelaire (1821-1867), the art critic and poet, author of the accursed poems "Flowers of Evil", already suspected that what was considered modern should be introduced in science. He could not have guessed, though, that besides a classificatory oneiric facet, the flowers had lines and colors opened to the artists' free conception. Besides divulging the impermanence of this geo-environmental patrimony, they would also be able to release them as angel wings in search of a sky broader than the symbolism in all its modernity. Contemporariness realized that a certain reality could be transformed, starting from an amplifying original action-attitude.

Seeing the lightness that translates into resistance and strength, the flowers by Monica Sartori reach the media connection as well as the Minas *Cerrado's* esthetic habitat with the Yamato-e (),

Japanese tradition, one of the most ancient and refined visual art expressions.

If the Universe integrates all of Nature, it should know the real importance of the little flowers that spread shamelessly on the ground. Tiny or full-bodied, these living beings are light and water and find refuge amidst the vines and araucaria. We can talk about some of them with a speck of empiricism, such as the Calandra, the flower-symbol of the *Cerrado*, as well as the yellow pigweeds or Cassias with their irregular petals, a disconcerting sight for our common sense that requires symmetry and regularity.

However, what else can we do, but contemplate the begonias, bromeliads, curing arnicas, insolent creeping vines and minimalist flowers that compose the true rosacea? There are still those misnamed ones, left uncontested and by chance, like the inexplicably white flowers of the black pepper. We are left to pay reverence to our affectionate memory through the mimosas, the princess earrings, the rue sprigs, the ungrateful, the aromatic velvets, the ladies of the night, the little showers, the little gypsies, and the colorful cacti. They are the tearful beads of Our Lady that comprise the playful merry-go-round of our deified artifacts.

An artist was able to capture the essence of these flowers. Wouldn't its essence be in what's real? Mother herb reproduced them for contemporaneity while we, the *poesis* receptors, travel through a unique fruition – Monica.

Notas

- 1 **Cristina Ávila** - Diretora da Revista Barroco. Escritora, Historiadora da Arte e da Cultura, Doutora em Literatura Comparada pela Faculdade de Letras da UFMG, Mestre em Artes pela ECA/USP.
- 2 **Mônica Sartori** - Artista visual. Graduada em Desenho pela EBA/UFMG. Participou de Bienais e fez várias exposições individuais no Brasil e exterior.